

Comunicação e Educação: O audiovisual Leonel Pé-de-Vento no espaço escolar e as possíveis significações construídas ¹

Júlia Munareto Leal²
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Resumo

O campo comunicacional encontra-se cada vez mais presente no educacional, fazendo com que atualmente, inúmeras ações educativas sejam marcadas por sistemas e processos comunicacionais, o que não poderia ser diferente diante das transformações tecnológicas e crescente inserção de aparatos informatizados e midiáticos na sociedade em que estamos inseridos. Diante disso, busca-se aqui identificar teoricamente a importância deste novo contexto, através de reflexões sobre os campos da comunicação e educação e a união de ambos, que origina a educomunicação. A teoria exposta tem como base autores que contribuem para explicar tais assuntos e será relacionada com a pesquisa empírica, realizada em uma escola pública municipal de Santa Maria - RS, a qual buscou, através da observações participante e aplicação de formulários, conhecer parte das possíveis significações construídas pelos alunos de uma turma do terceiro ano do ensino fundamental, a partir da exibição do curta-metragem Leonel Pé-de-Vento.

Palavras-chave

Comunicação; Educação; Educomunicação.

1. O contexto escolar como importante espaço para ações comunicativas

A comunicação está constantemente presente no cotidiano das pessoas, através dos meios, da mídia, das tecnologias, estando diretamente ligada à ligação entre os seres humanos, sendo essencial nas relações interpessoais. Entre sujeitos, a comunicação traz consigo, implícita ou explicitamente, a busca pela interação, imprescindível e vital para a existência dos seres. Na visão de Martín- Barbero (2011, p.123) falar de comunicação significa reconhecer que estamos numa sociedade em que conhecimento e informação têm tido um papel fundamental nos processos de desenvolvimento econômico, de democratização política e social, estando presentes nos mais diferentes campos cabendo aqui destacar o educacional, através do âmbito escolar.

¹ Trabalho apresentado no GP GP Comunicação e Educação / DT 6 – Interfaces Comunicacionais, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, e-mail: juliaml_rp@yahoo.com.br.

A educação com comunicação não é algo novo, já tendo sido anunciada na década de 60 por Paulo Freire “quando envolvido com questões de alfabetização, formação profissional e cidadania, afirmava que promover a educação é fazer comunicação” (CITELLI e COSTA, 2011, p.09). A propósito, Sayad acrescenta, dizendo que a relação entre comunicação e educação não é nova, a conexão “existe praticamente desde que os campos ganharam definições acadêmicas mais claras” (2011, p.87). Neste contexto, é possível dizer que tanto a educação quanto a comunicação fazem parte de todo o processo de existência dos seres humanos. Não é apenas com a inserção no espaço escolar que se tem contato com a educação, como complementa Ribeiro

Esta compreensão está presente em Freire (2005) que nos demonstra que a educação é um fenômeno que se constrói no decorrer do processo histórico através das relações dos seres humanos entre si e com o mundo. Não há um momento em que os processos educativos se separam da própria vida vivida. Aprende-se vivendo. (RIBEIRO, 2011, P.04)

Sob este mesmo olhar cabe falar da comunicação: faz parte do convívio diário entre os seres durante toda sua existência, sendo fundamental para a relação e interação interpessoal, proporcionadas no diálogo, troca de experiências, compartilhamento de visões. Neste sentido, dialoga-se com Ribeiro (2011, p. 05), quando o autor afirma que sendo a Educação um processo contínuo que nos revela como seres inacabados e a Comunicação algo que nos permite compartilhar experiências, são visíveis as possibilidades de construção de conhecimento unindo ambas, de forma coletiva, colaborativa e direcionada para a busca de uma sociedade cada vez mais justa.

Assim, destacam-se potencialidades frente a união da comunicação com a educação: certamente pode contribuir para uma cultura de maior responsabilidade e compreensão frente as diferenças, além de melhorar e aprimorar técnicas de ensino a fim de obter resultados positivos no processo de aprendizagem de crianças e jovens. Com este entrosamento, é possível levar em conta os diferentes perfis dos sujeitos que integram o espaço escolar, já que se passa a trabalhar com formas diversificadas de ensinar, dependendo dos tipos de ações comunicativas são desenvolvidas. O ideal é a construção de atividades que busquem estabelecer comunicação e mecanismos de ligação entre os diferentes sujeitos

Esta importância está no fato de que a escola deve ser antes de qualquer coisa, um local de diálogo e de aprendizado, de vivência de culturas e de respeito às expressões

culturais, pois “levar em conta a pluralidade cultural no âmbito da educação implica pensar formas de reconhecer, valorizar e incorporar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares.” (SILVA e BRANDIM, 2008, p. 51-66). Diante desta perspectiva, é possível dialogar com Morin, que ao falar de uma aprendizagem cidadã, diz que “a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão” (2010, p. 65). Ou seja, uma educação em que as pessoas tenham saberes valorizados e interesses contemplados. Ao falar sobre o assunto, Silva complementa que de certa forma, a educação na escola pública reflete os ideais iluministas já que:

Corporifica as ideias de progresso constante através da razão e da ciência, de crença nas potencialidades de desenvolvimento de um sujeito autônomo e livre, de universalismo, de emancipação e libertação política e social, de autonomia e liberdade, de ampliação do espaço público através da cidadania, de nivelamento de privilégios hereditários, de mobilidade social. A escola está no centro dos ideais de justiça, igualdade e distributividade de projeto moderno de sociedade e política. Ela não apenas resume os princípios, propósitos e impulsos, ela é a instituição encarregada de transmiti-los, de torná-los generalizados, de fazer com que se tornem parte do senso comum e da sensibilidade popular. (Silva, 1995, p. 245, apud Veiga-Neto, 2000, p. 44)

Reconhece-se a relevância destes princípios bem como a importância da escola frente a todos eles, no entanto, sabe-se que geralmente, tais ideais ficam longe da atual realidade da educação, por inúmeras questões que são alvo de constantes discussões mas poucas soluções. É neste contexto que Veiga-Neto (2000, p. 45) discorre sobre o fato de que muitas vezes, boa parte da crise da modernidade apresenta a educação como culpada e diante disso, os próprios professores, especialistas e pesquisadores, buscam dividir tal culpa com a sociedade e governo. São comuns atualmente, referências negativas envolvendo condutas de alunos em sala de aula, atuação de professores, greves, entre outros. Sendo assim, a educação escolarizada acaba sendo diretamente depreciada e certamente aqueles atuantes neste meio enfrentam anseios que infelizmente desmotivam.

Além disso, Rocha (2000, p. 120) argumenta que não cabe aqui conceber a escola apenas como um espaço que deve além de educar, disciplinar, ordenar, regular. Onde indivíduos menos sábios (neste caso os alunos) sujeitam-se aos mais sábios (professores) para tornarem-se também homens capazes, dotados do saber. Talvez, esta concepção advinha do formato inicial que caracterizou a escola em seu surgimento: com apelo religioso, era um espaço destinado a disciplinar e educar os jovens e novos cristãos com

intuito de formar bons súditos e bons cidadãos. No entanto, sabe-se que atualmente o espaço escolar não tem mais este intuito e nem segue mais os moldes do passado.

Frente ao exposto, Veiga-Neto (2000) propõe que tais angústias não funcionem como um elemento imobilizador, mas sim o contrário, sejam como um combustível atuante na busca de instrumentos diferentes e capazes de proporcionar uma compreensão diferente do mundo, criando assim novas formas de vida e de viver. O que não é tarefa fácil mas nem mesmo impossível.

Acredita-se que diante destas afirmações, a educomunicação surge como uma interessante alternativa para escola, alunos, professores e para a educação como um todo. Nas palavras de Soares (2012)³, a definição de educomunicação consiste em um conjunto de ações inerentes ao planejamento e implementação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos nos espaços educativos. Entre suas vantagens destacam-se: a melhora do coeficiente comunicativo das ações educativas; ampliação da capacidade de expressão dos sujeitos sociais e midiáticos; desenvolvimento de um espírito crítico dos usuários dos meios e sistemas comunicativos; preocupação com o fenômeno comunicativo – artes, mídia, formas interativas.

Diante disso, tem-se que a educomunicação objetiva principalmente o crescimento da auto-estima e da capacidade de expressão das pessoas, não só como indivíduos mas também como grupo. Neste sentido, ao disponibilizar ferramentas de comunicação à educação, envolvendo estudantes em práticas comunicacionais, pode-se promover uma educação cidadã baseada no fazer conquistar espaços, sentir a inclusão, seja na comunidade ou na sociedade, a partir do momento em que fazem parte de um processo em que o foco não é no produto mas sim no aprendizado, desenvolvimento e conhecimento adquirido a partir das atividades desenvolvidas. Dessa forma, pode-se dizer que a educomunicação entende a comunicação como vital, a partir do momento em que é ela que possibilita tal sentimento de pertencimento (SOARES, 2011).

Crê-se que uma forma de propor atividades educacionais no espaço escolar, seria a exibição de audiovisuais contendo enredos que abordem situações que problematizem importantes questões, como acontece no curta-metragem Leonel Pé-de-

³ Conceito apresentado pelo professor em palestra realizada no I Encontro sobre Educomunicação da região Sul – EDUCOM Sul, realizado nos dias 24 e 25 de maio de 2012, na Universidade Federal de Santa Maria – RS.

Vento, objeto empírico deste estudo. A exibição do filme em escolas públicas municipais de Santa Maria – RS se dá através do projeto Vô Venâncio vai à Escola⁴.

Neste Projeto, o audiovisual tem grande importância como ferramenta de comunicação midiática, por carregar consigo potencialidades que contribuem tanto para a reflexão a partir das informações passadas, quanto para o conhecimento amplo do mundo, a partir do momento em que proporciona a interpretação e a compreensão de mensagens, conceitos e informações. Leonel Pé-de-Vento é um curta-metragem em animação, 35 mm, com direção de Jair Giacomini. Foi viabilizado com financiamento do Concurso de Apoio à Produção de Obras Cinematográficas do Gênero Animação, promovido pelo Ministério da Cultura em 2004.

A produção começou em 2005 e foi finalizada em julho de 2006. A Co-produção é da Cartunaria Desenhos e Jair Giacomini. Entre os principais prêmios recebidos pelo filme, destacam-se: 3º Lugar - Melhor Animação Brasileira no Anima Mundi em 2007; 3º Lugar - Melhor Curta Infantil no Anima Mundi em 2007; Melhor Filme no FAM - Florianópolis em 2007; Melhor Filme - Júri Popular no Santa Maria Vídeo e Cinema em 2007; Melhor Filme Brasileiro no Granimado Festival Brasileiro de Animação em 2006; Menção Honrosa no ENTRETODOS - Festival de Curtas-Metragem de Direitos Humanos em 2007; Prêmio do Júri Popular no Vitória Cine Vídeo em 2006; Prêmio UNESCO no Santa Maria Vídeo e Cinema em 2007; Prêmio Unesco de Melhor Filme da América Latina e Caribe no Divercine em 2007.

Por abordar questões como infância, amizade, escola, diferenças, preconceito, intolerância, bullying e discriminação, o filme⁵ apresenta aplicabilidades pedagógicas,

⁴ Aprovado na Lei de Incentivo a Cultura de Santa Maria – LIC / SM, em 2010, 2011 e 2012. O Projeto é uma iniciativa da empresa OPSs! Comunicação e Eventos, situada em Santa Maria – RS. Contempla a contação de histórias, com variadas temáticas, por dois atores que dão vida aos personagens Vô Venâncio e sua neta Feliciano. Entre os seus principais objetivos destaca-se: a valorização da escola como um espaço para iniciação cultural e para problematização de importantes e atuais questões; o exercício da cidadania; desafio à construção de novas relações entre os sujeitos e, incentivo à leitura e contato com as riquezas da literatura. Através da contação de histórias e principalmente do audiovisual, busca-se colaborar com uma concepção de educação que possibilite às crianças o conhecimento e entendimento sobre as diferenças, atualmente constantes em uma sociedade plural. O audiovisual faz parte do Projeto Cultural por ser uma possível forma de contar histórias e por isso, sua exibição acontece em todas as apresentações

⁵ Foi exibido em inúmeros cineclubes e festivais, entre eles Festival Internacional de Curtas de São Paulo, Festival Internacional de Oberhausen Jornada da Bahia, Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte, Múmia - Mostra Udigrudi Mundial de Animação, Festival Internacional del Audiovisual para la Niñez y la Adolescencia, exibição no programa Curtas Gaúchos da RBS-TV, afiliada rede Globo no RS. Em 2011, o filme ganhou os palcos, com o espetáculo infanto-juvenil Leonel Pé-de-Vento em cartaz no Rio de Janeiro. Assim como o filme a peça tem temática focada na convivência com a diferença. A ideia de adaptar a história para o teatro é do diretor João Batista, da Lavoro Produções, que desenvolve projetos que privilegiam a acessibilidade.

podendo ser trabalhado em escolas, no ensino fundamental e médio. A partir daí, concorda-se com Fischer (2007) quando a autora fala sobre o interesse em estudar imagens, sejam elas as projetadas por câmeras fotográficas ou filmadoras, pois ao considerar o sujeito que recebe as imagens, neste caso os alunos do ensino o fundamental de escolas públicas municipais, espectadores de Leonel Pé-de-Vento, por exemplo, se abre um campo riquíssimo para estudos de diversas áreas do saber. Neste sentido, acredita-se que educação somada ao audiovisual, tem muito a acrescentar ao trabalho pedagógico escolar. Além disso, “emerge, hoje, mais do que nunca, a necessidade de complexificarmos nossas investigações a respeito do receptor que, na falta de um nome melhor, ainda assim é chamado” (FISCHER, 2002, p. 08).

Aqui o público interesse de investigações é o infantil. Isso por entender e enfatizar a afirmação de Girardello e Fantin (2009, p. 10) quando argumentam que os estudos sobre a presença das mídias na vida das crianças são cruciais para que se possa conhecê-las melhor, podendo assim subsidiar a formulação de políticas e projetos educacionais e culturais voltados às necessidades das infâncias brasileiras.

Diante das afirmações, é fundamental descrever a história de Leonel, um menino que nasceu “pé-de-vento” – caminha no ar sem nunca conseguir tocar os pés no chão e por este motivo vive isolado. A história se passa no tempo atual em um lugarejo fictício sendo os cenários e a caracterização dos personagens inspirados em um lugar real, Vale Vêneto, pequeno povoado do município de São João do Polêsine, na Quarta Colônia Italiana, centro do Rio Grande do Sul. Num clima meio realista, meio mágico, o filme aborda diversos temas, como a passagem da infância para a adolescência, a dor e a solidão causadas pelo preconceito na convivência com as diferenças.

Já na primeira cena Leonel é observado com estranhamento por alguns alunos da escola enquanto caminha tranquilamente pelo ar. Os meninos, intolerantes com a diferença de Leonel o apedrejam com bodoques. Assustado ele corre e ao encontrar um lugar seguro manifesta sua tristeza chorando sozinho. Ao chegar em casa, o menino é recebido pelos pais que percebem a agressão através de uma marca em sua testa. O pai imediatamente diz que pretende tomar providências em relação ao fato ocorrido, no entanto, a mãe de Leonel o adverte dizendo que não há como tomar atitudes contra todos os que forem se manifestar contra o filho e orienta o menino a não se aproximar dos meninos. Assim, fica evidente que os pais de Leonel o protegem achando que o melhor para ele é ficar longe dos perigos do

mundo por isso, o menino não frequenta a escola nem convive com outras crianças. Diante disso, acredita-se ser pertinente o questionamento: será que os pais de Leonel o reconhecem como sujeito ou apenas o enxergam através da diferença que ele possui?

Os meninos da escola espalham a notícia da existência de Leonel e assim, ele é descoberto pelas curiosas meninas entre elas, Mariana. Ao contrário dos demais, a menina se interessa pelo menino “pé-de-vento” e enquanto os ”piás” perseguem Leonel, ela busca conhecê-lo melhor com ajuda do seu avô Orlando, que encontra em sua biblioteca a explicação que Mariana tanto busca: o que é afinal um “pé-de-vento”? A partir dos esclarecimentos feitos pelo avô, Mariana compreende que apesar da diferença, Leonel é uma criança como outra qualquer e assim se aproxima dele, possibilitando a convivência, o conhecimento mútuo e o afeto.

Nas cenas constata-se o reconhecimento do outro como sujeito na relação entre as duas crianças: a proximidade e o diálogo possibilitou a convivência entre ambos. Isso é apresentado através das brincadeiras entre Mariana, ao chão, e Leonel caminhando no alto. Ambos sorriem, interagem, se divertem, demonstram gostar um da companhia do outro. Após sofrer tantos atos de intolerância e preconceito é possível pensar que neste novo contexto, o próprio Leonel passa a se reconhecer como sujeito. Percebe-se uma “recomposição do indivíduo, a criação do Sujeito como desejo e capacidade de combinar a ação instrumental e uma identidade cultural” (TOURAINÉ, 1997, p. 244).

De acordo com o avô de Mariana, a incompreensão das pessoas em relação aos “pés-de-vento” os obrigou a viver longe do chão, a vida toda. Quanto mais preconceitos sofriam, mais alto subiam e assim se isolavam, acabando por viver longe de todas as outras pessoas. Porém, somente ao sentirem uma grande felicidade eles poderiam tocar os pés no chão. Mariana percebe que ao ser acolhido por sentimentos de pertença, Leonel se sentiria feliz, deixaria de ser “pé-de-vento” podendo viver e conviver normalmente com ela e com os demais.

Assim, ao ser reconhecido por Mariana e tendo descoberto os sentimentos bons que a companhia dela lhe proporcionava, Leonel deixa de levitar e na companhia dela desce ao solo. A cena em que Leonel toca os pés no chão, na companhia de Mariana, encerra o curta-metragem passando a mensagem de que ao encontrar o reconhecimento estavam neutralizadas as diferenças e sentimentos que o afastavam de uma vida normal em sociedade, sendo ele capaz de existir como sujeito.

2. As possíveis significações construídas a partir da exibição do audiovisual

Após as edições de 2010 e 2011 do Projeto Cultural Vô Venâncio vai à Escola, em abril de 2012 teve início a terceira edição, na Escola Municipal Renascer ⁶. Na ocasião, 250 crianças da pré-escola a quinta série assistiram a apresentação cultural, seguida da exibição do curta-metragem. Durante a exibição do filme, através da observação participante, definiu-se em qual turma seria aplicado o formulário.

Optou-se pela utilização de formulários em vez de questionários pois, na visão de Lakatos e Marconi (1991), o questionário envolve uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito, sem a presença do pesquisador. Já o formulário é um roteiro de perguntas enunciadas pelo entrevistador e preenchidas por ele com as respostas do pesquisado. Neste caso, os próprios pesquisados redigiram suas respostas, após a leitura de todos os enunciados pela pesquisadora. Na elaboração do instrumento teve-se o cuidado de limitar sua extensão a fim de que fosse respondido num período relativamente curto, já que os respondentes serão crianças, alunos de séries iniciais, estando alguns em um processo de alfabetização.

As perguntas foram abertas, amplas “abordando questões como conteúdos, [...] possíveis significados do filme, noções éticas e estéticas, impressões das crianças” (FANTIN, 2009, p. 59) e suas relações com Leonel Pé-de-Vento. Assim como no trabalho da autora citada, que visa compreender a relação da criança com o cinema, será difícil trabalhar com um questionário fechado, com respostas objetivas e de fácil tabulação. As perguntas possibilitavam a livre expressão de opiniões e percepções das crianças. Para a aplicação do instrumento, agendou-se uma nova ida a escola, com objetivo de efetivar tal atividade com foco em uma turma apenas.

O retorno à escola para realização do trabalho em uma turma do 3º ano (correspondente a segunda série do ensino fundamental) teve início com a apresentação da pesquisadora pela professora. Através de uma conversa informal com os alunos, foram explicadas as intenções e objetivos do trabalho. Posteriormente, optou-se por realizar nova exibição do curta-metragem visto que, na primeira exibição realizada no dia da apresentação do Projeto Cultural, o grande número de alunos presentes resultou em movimentação e barulho, o que pode ter dificultado a concentração e, conseqüentemente, o entendimento da história por parte de algumas crianças.

⁶ O nome da escola é fictício, será mantido em sigilo através de pseudônimo.

Na sala de aula com data show, tela e caixa de som, recursos disponibilizados pela escola municipal, os vinte e nove alunos sentados em suas classes, assistiram atentos ao filme, sem interromper nem conversar, mostrando-se interessados. O momento em que esboçaram reações foi nas cenas em que a escola aparecia em evidência, principalmente quando a professora fazia a chamada dos alunos em aula. Ao identificarem que determinados personagens tinham os mesmos nomes de alguns colegas, as crianças da Escola São Carlos se mostraram surpresas olhando e apontando para tais colegas, que sorriram parecendo tímidos com a identificação.

Num segundo momento, a pesquisadora solicitou a atenção dos alunos, convidando-os a responder algumas perguntas sobre o filme que haviam assistido. A eles foi entregue duas folhas, com perguntas abertas. Optou-se por perguntas abertas para que os participantes ficassem livres para responderem com suas próprias palavras, sem se limitarem a escolha entre um rol de alternativas.

Após a entrega dos formulários, antes que começassem a responder, todas as perguntas foram lidas e explicadas salientando que não existiam respostas certas ou erradas mas sim, todas as respostas eram importantes para o trabalho da pesquisadora, que ficou orientando o preenchimento e a disposição para esclarecer as dúvidas dos alunos. A professora permaneceu em sala de aula em alguns momentos, se ausentando em outros, ficando sob responsabilidade da pesquisadora o atendimento aos alunos.

A maior parte dos alunos (vinte e nove crianças) participou da atividade e se dispôs a responder as perguntas. Enquanto o faziam permaneciam concentrados e em silêncio. Desses, quatro alunos preencheram o formulário de forma incompleta e simplificada, tipo “sim”, “não”. Outros quatro alunos não quiseram participar da atividade alegando não terem entendido ou não terem gostado do filme. Segundo a professora, alguns integrantes da turma apresentam dificuldades no processo de alfabetização e em atividades que exige atenção e reflexão.

Muitos alunos solicitaram ajuda enquanto respondiam as perguntas. Por estarem em fase de alfabetização, tinham preocupação com a grafia correta das palavras e com o tipo de letra que deveriam usar. Nos momentos em que tais dúvidas surgiram, destacou-se que respondessem da maneira que achassem melhor e mais fácil, sem se preocupar se a letra era de forma ou cursiva ou se estava bonita. Também notou-se que alguns alunos tinham preocupação em mostrar suas respostas, buscando saber se estavam corretas. Nestes casos

salientou-se que respondessem com sua própria opinião, baseado no que lembravam e entendiam sobre o filme.

Em outros momentos as crianças tinham dúvida sobre a pergunta, demonstrando não saber responder. Para tentar auxiliar, a pesquisadora buscava descrever as cenas do filme que tinham a ver com determinada pergunta questionando-os sobre o que acontecia em tais momentos e provocando-os a lembrar e responder o que entendiam a respeito. Na maior parte em que estas situações ocorreram as crianças demonstraram lembrar das cenas e assim respondiam a questão.

As questões do formulário cujas respostas serão descritas a seguir, abordaram temas como: gosto e identificação pelo filme, cenas que mais gostaram, relações humanas, amizade, inimizade, escola e felicidade.

Inicialmente as crianças foram questionados se gostaram do filme, além de destacarem o estilo infantil, o reconhecimento e o pertencimento que se dá pela faixa etária, elas ressaltam também: a relação de amizade percebida entre Leonel e Mariana: “Gostei do filme porque a Mariana ajudou o Leonel a colocar os pés no chão” (Ana); questões estéticas, ficcionais, exóticas, lúdicas: “Leonel voava”, “é divertido”, “colorido”, “curioso”, “bonito”, “legal”, “O Leonel voava”, “é curioso” (Maria, Antônio); representação de Leonel como um herói que salva a amiga Mariana de uma queda: “gostei porque o Leonel segurou a Mariana” (Carla), “gostei porque ele salvou ela” (Laura).

Ao responderem sobre o que mais chamou a atenção no filme, predominou os aspectos ficcionais e lúdicos da história como que identificando uma espécie de herói que pode ser identificado nas expressões que salientam o fato de Leonel “voar”, “A parte que ele andou no ar” (Paula), “ele conseguia voar” (Maria), “O menino voa” (Miguel), “Leonel voltou ao chão” (Gabriel).

Outra questão que chamou muito a atenção das crianças foi a relação de amizade e solidariedade entre Leonel e Mariana que conseguiram superar obstáculos territoriais como a distancia e diferenças entre chão x céu; terra x ar: “Mariana fez Leonel pisar no chão” (Pedro), “Ele desceu e foi legal” (Laura); “o Leonel ergueu a Mariana” (Joana).

Ao justificarem o porquê Mariana gostava de Leonel, este sentimento foi relacionado a valores como amizade, afeto, reciprocidade, empatia, compartilhamento, reconhecimento do outro como sujeito: “o Leonel gosta muito da Mariana” (Patrícia), “Eles eram amigos” (Mário), “A Mariana gostava do Leonel porque ele brincava com ela” (Ana), “eles se davam bem” (Fernanda), “ela viu o Leonel e ela não sentiu medo”(Bruno).

Na concepção de algumas crianças o fato de Mariana gostar de Leonel esta ligado a questões comportamentais e de natureza estética: “ele é um menino legal, responsável e bonito” (Joana), “ele é legal e educado” (Carol), “Mariana achava o Leonel bonito” (Pedro). Interessante o destaque a expressão “bonito”, porque para os padrões sociais não se pode afirmar que o personagem é bonito. Este olhar infantil parece ter ido além da aparência física de Leonel, para valorizar a totalidade do sujeito inserido em uma certa história. Por fim, uma criança destaca o lado exótico de Leonel que aguça a curiosidade e a amizade de Mariana: “Sim porque ela achava curioso, ele voa” (Bianca)

Na questão que abordava uma possível relação de amizade dos demais com Leonel, a maioria das crianças identifica a personagem Mariana como única amiga do personagem Leonel Pé de Vento. A justificativa para os demais alunos não serem amigos de Leonel volta-se para as diferenças, principalmente quanto a forma de olhar o outro, de ser diferente e aos espaços frequentados: “Não são porque eles não vêem ele” (Carol), “ele não estava no chão” (Ana), “ele voa” (Miguel).

As crianças salientam que há mais inimigos para agredirem do que amigos para ajudarem: “Só uma amiga, mas tinha uns meninos que atiravam pedras” (Mário), “eles atiravam pedra nele” (Jean), “tacavam pedras no Leonel” (Gabriel). A falta de amizade ou inimizade é associada também ao medo e estranhamento do desconhecido, pela distancia física, através da qual a diferença se acentua pela territorialidade “ele voava e eles ficavam com medo” (Maria), “eles tinham medo dele porque ele ficava no céu” (Priscila). O medo e a angústia com o outro diferente, pode ser percebido nas cenas do filme em que os alunos observam Leonel de longe, com receio de serem percebidos.

Interessante destacar que a amizade dos pais foi lembrada por duas crianças: “A Mariana e os pais dele” (Joana), “os pais” (Pedro) e uma criança identificou outros sujeitos da natureza capazes de nutrir uma relação de amizade com Leonel: “A Mariana, os passarinhos e as borboletas” (Maria).

A penúltima questão indagou sobre o fato de Leonel não frequentar a Escola como os demais. A maioria das crianças relacionou a impossibilidade do personagem frequentar a Escola pelo fato do mesmo viver em um espaço diferente e ser diferente: “Não ia à escola porque ele voava” (Daniel); “ele tava no céu” (Laura); “ele vivia no céu”(Fernanda), “era um pé de vento” (Paulo), “não andava no chão” (Carol), “não encostava no chão” (Pedro).

A problemática do bullying também foi lembrada como impedimento de Leonel frequentar a Escola “os guris ficavam inticando com ele. Por que Leonel é um menino de

vento” (Joana). Por fim, a imagem pré-concebida feita do outro, desconhecido e diferente e como tal foi ignorado e inferiorizado: “Leonel não ia à escola porque os alunos achavam que ele era mal” (Patrícia). Identifica-se aqui a representação da Escola como um espaço e sujeito de inclusão, mas também de exclusão.

Por fim, após refletirem sobre igualdade, diferenças, amizade, inimizade, frequência a Escola, as crianças foram convidadas responder se na opinião delas o personagem Leonel era feliz. Na maioria das falas, a felicidade apareceu ligada e dependente da ideia de “encontro”, “amizade” e “família”: “Ele não era feliz, mas ele ficou feliz quando encontrou uma amiga” (Paula); “Leonel no começo não era um menino feliz depois no final Leonel encontrou uma amiga e ficou feliz” (Gabriel); “Por causa da Mariana.” (Bianca), “ele encontrou a Mariana” (Bruno), “porque ele desceu” (Laura) “porque tinha família” (Carol). Já, a infelicidade aparece associada a prática do bullying: “os meninos incomodavam ele” (Anônio) “jogavam pedra no Leonel” (Fernanda), “intocavam com ele” (Priscila).

Muitas das crianças entendem que Leonel é infeliz pelo fato de estar distante do chão, não frequentar a escola e privado do afeto e da convivência com os demais: “Não porque Leonel não ia a escola.” (Pedro), “ele não podia abraçar as pessoas” (Maria), “O Leonel não era feliz porque ele não estava no chão” (Ana). Interessante ressaltar que uma criança associou a infelicidade de Leonel a condição social do personagem: “Ele era pobre e pé descalço” (Patrícia).

Considerações:

O presente trabalho se propõe a pensar os campos da Comunicação e Educação, a partir das relações possíveis entre ambos, seguindo a perspectiva da educomunicação. O elo central para que estas reflexões pudessem ser estabelecidas foi o Projeto Cultural Vô Venâncio vai à Escola, com foco no curta-metragem Leonel Pé-de-Vento, uma importante ferramenta de comunicação midiática que aborda questões como preconceito, diferença, discriminação e intolerância, possíveis e fundamentais de serem trabalhadas frente à formação de sujeitos em séries iniciais. Principalmente porque, como argumenta Silva “as crianças e os jovens, obrigatoriamente convivem na escola com o outro diferente” (2009, p. 97).

Leonel sofre com preconceito e intolerância por se diferenciar dos demais meninos de sua idade. Por isso é perseguido, apedrejado, debochado e ridicularizado pela maioria. A diferença que o exclui está representada de forma lúdica e fantasiosa, através da metáfora de sua condição de ser um menino “pé-de-vento”. No entanto, é possível pensar que ela pode ser substituída atualmente por inúmeras outras diferenças, que em âmbito escolar, e também na sociedade, diferenciam, inferiorizam e distanciam uns dos outros. Esta forma de representar diferenças através de um irreal “pé-de-vento” contribui para refletir e problematizar que ninguém tem o direito de expor o outro a situações desumanas por não reconhecer naquele a existência de um sujeito.

Com a exibição do curta-metragem nas escolas municipais de Santa Maria – RS que recebem a visita do Projeto, acredita-se ser possível trabalhar e conscientizar para tais questões fazendo com que através de uma história lúdica e fantasiosa os alunos estejam diante de uma situação com a qual certamente irão se deparar, mais cedo ou mais tarde nas suas experiências de vida.

Pardo citado por Silva (2009, p. 101) reforça esta ideia quando diz que respeitar a diferença não pode significar “deixar que o outro seja como eu sou ou deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro), mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu”. No audiovisual isso fica claro através das atitudes da personagem Mariana que se aproxima de Leonel conhecendo-o mais de perto suas características, que o torna único e diferente dos outros meninos da escola. A partir do contato com ele fica perceptível para a menina que é possível conviver pacificamente, sem preconceitos. Pode-se afirmar que Mariana aceita o outro como ele é, deixa Leonel ser diferente passando a buscar e a encontrar inúmeras formas de se relacionar com ele.

A proposta do Projeto Cultural Vô Venâncio vai à Escola é proporcionar às crianças do ensino fundamental, além da contação de histórias, a exibição do curta-metragem que pode render muitos trabalhos em diferentes disciplinas e também servir de pretexto para abordar temas transversais e que ainda enfrentam tabus. Porém, essa continuidade e aprofundamento das temáticas, até então, ficava a critério dos professores ou seja, a atividade desenvolvida pelo Projeto encerra-se na exposição do filme, sem espaço para debate.

A partir da observação das edições anteriores, desta retomada em 2012, percebeu-se que as crianças das séries iniciais, tomando como exemplo a turma do terceiro ano que

participou da etapa de pesquisa descrita neste artigo, necessitam de mediação de um adulto. Durante a aplicação do formulário notou-se que a principal preocupação das crianças era com a grafia, com as respostas adequadas e corretas, com o tipo da letra a ser usado.

Mesmo que tivesse sido enfatizado a importância de suas respostas livres e pessoais, havia uma preocupação em responder corretamente. As respostas foram breves e objetivas na maior parte das perguntas, mostrando que na maioria das vezes ficaram presos principalmente a questões estéticas do curta-metragem. Isso evidencia a necessidade de mediação de um adulto, no caso a pesquisadora ou professora, ou até mesmo os integrantes do Projeto, para que se efetive uma problematização das questões abordadas e para que os alunos consigam interpretar, fazer associações e apropriações.

Finalmente, acredita-se que este estudo seja útil para motivar novas práticas e investigações tanto em trabalhos relacionados com as temáticas expostas, quanto em outros contextos sócio-culturais e políticos dessa sociedade essencialmente plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 35 maio/ago, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a09v1235.pdf> acesso em 15 jun. 2012.

FANTIN, Mônica. A pesquisa com crianças e mídia na escola: questões éticas e teórico-metodológicas. In. GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Monica. (org). Práticas Culturais e Consumo de Mídia entre Crianças. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Monica. (org). Práticas Culturais e Consumo de Mídia entre Crianças. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

LAKATOS, E.M., MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais: a comunicação à educomunicação. In. Educomunicação construindo uma nova área de conhecimento. .Org. CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. São Paulo: Paulinas, 2011.

ROBEIRO, DJALMA. Educação e Comunicação: perspectivas, práticas e processos. Apresentado no GP Comunicação e Educação, XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1715-1.pdf>. Acesso em 25 jun 2011.

ROCHA, Cristianne Famer. O espaço escolar em revista. In Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Org. COSTA, Marisa Vorraber. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

SILVA, Maria José Albuquerque; BRANDIM, Maria Rejane Lima. Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. Revista Diversa. ANO I – nº 1. pp 51 – 66. jan / jun 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

TOURAINÉ, Alain. Iguais e Diferentes: Poderemos Viver Juntos. LISBOA: Piaget, 1997

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Org. COSTA, Marisa Vorraber. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.